



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - CESUPI
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOILKE ARLISSON ALVES DOS SANTOS

**A IMPORTANCIA SOCIOCULTURAL DO MUSEU ARAÇY PARAGUASSÚ
PARA A CIDADE DE ITAITUBA-PA E REGIÃO**

Itaituba
2017

JOILKE ARLISSON ALVES DOS SANTOS

**A IMPORTANCIA SOCIOCULTURAL DO MUSEU ARAÇY PARAGUASSÚ PARA
A CIDADE DE ITAITUBA-PA E REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciatura Plena do Curso de História.

Orientador: Prof. Dr Francisco Cláudio de Sousa
Silva

Itaituba
2017

Santos, Joilke Arlisson Alves Dos

A Importância Sociocultural Do Museu Araçy Paraguaçu Para A Cidade De Itaituba-PA e Região

53 f. : il.

Orientador : Prof. Dr Francisco Cláudio de Sousa Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2017.

1. História. 2. Museu Araçy Paraguaçu. I. Nome do orientador (Silva, Francisco Cláudio de Sousa). II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2017.

JOILKE ARLISSON ALVES DOS SANTOS

A IMPORTANCIA SOCIOCULTURAL DO MUSEU ARAÇY PARAGUASSÚ PARA A
CIDADE DE ITAITUBA-PA E REGIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado no Curso de História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof. Djalmira Almeida de Sá, Dr.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof. Francisco Cláudio de Sousa Silva, Dr.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Raquel Peres Rocha, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 11 de Março de 2017

Dedico primeiramente a Deus por ser justo e fiel comigo, à minha família, em especial à minha mãe Jaclenes e ao meu pai Francisco, pelo amor, carinho e estímulo que me ofereceram. Dedico-lhes essa conquista como gratidão.

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal finalidade apresentar o museu Aracy Paraguassú como uma referência na região do Oeste do Pará. O seu rico e diversificado acervo é considerado ferramenta indispensável para a análise e compreensão de todo o processo político, religioso, social e econômico do município de Itaituba e região. Desta forma, podemos afirmar que os objetos museológicos que fazem parte do acervo sociocultural do museu Aracy Paraguassú são de suma importância para serem utilizados pelos professores de História em sala de aula com seus alunos a partir de uma visita técnica a este espaço cultural. A pesquisa se insere, portanto nas premissas da Nova História ao propor uma nova forma de ensino aprendizagem da História a partir da utilização de novas fontes, novos temas, novos agentes, procurando compreender a história contada de baixo para cima, onde os principais são os próprios moradores de Itaituba, seu cotidiano e a participação da camada popular local, considerados os principais protagonistas da sua história e contribuição para surgimento e a formação deste município. Para tanto, as fontes históricas museológicas como documentos, peças e artefatos e a memória desse povo, são elementos essenciais para serem trabalhados no Ensino de História dentro de uma visão inovadora. Os resultados do estudo sinalizam que em Itaituba o museu Aracy Paraguassú exerce uma importante contribuição para o município de Itaituba (PA) de Itaituba e região amazônica

Palavras – chaves: Museu Aracy Paraguassú, Itaituba, História Nova, Professor, Aluno, Objetos Museológicos.

ABSTRACT

This research has as main purpose to present the museum Aracy Paraguassú as a reference in Para West region. Its rich and diverse collection is considered indispensable tool for the analysis and understanding of the whole political process, religious, social and economic of the municipality Itaituba and region. Thus, we can say that the museum objects that are part of the socio-cultural collection of Aracy Paraguassú museum are of paramount importance to be used by history teachers in the classroom with students from a technical visit to this cultural space. The research is part therefore in the premises of the New History to propose a new way of teaching and learning of history from the use of new sources, new themes, new agents, trying to understand the story from the bottom up, in which the main ones are the the residents of Itaituba, their daily lives and participation of the local popular layer, considered the main protagonists of their history and contribution to the emergence and formation of this municipality. Therefore, the museological historical sources such as documents, parts and artifacts and the memory of this people, are essential elements to be worked out in history teaching in an innovative vision.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Museu do Louvre Paris	13
Figura 02: Museu D. João Rio de Janeiro	15
Figura 03: Museu Émilio Goeldi na cidade de Belém	16
Figura 04: Frente do Museu Aracy Paraguaçu	37
Figura 05: Setor Indígena do Museu	38
Figura 06: Peças doadas pela Aracy Paraguaçu	39
Figura 07: Peças de porcelanas	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XIX	11
2.1.1 Etimologia da palavra museu	11
2.1.2 Abordagem histórica dos museus	11
2.1.3 História do Museu no Brasil.....	14
2.1.4 Museu uma representação cultural e histórica	21
2.2 O MUSEU NO CONTEXTO DA NOVA HISTÓRIA	26
2.2.1 Museus e seus objetos: História e Memória.....	30
2.2.2 As Transformações ocorridas no interior das instituições museológicas.....	31
2.2.3 A Proposta da Nova História: O Museu como Ferramenta Educacional.....	33
3. METODOLOGIA.....	36
3.1 Tipos de Pesquisa.....	36
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA.....	37
3.2.1 Museu Aracy paraguassú: História, desafios e perspectivas.....	38
3.2.2 Funcionamento Do Museu	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	47
5 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES.	54

INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo foi o de discutir os desafios relacionados à implantação do Museu Aracy Paraguassú, assim como verificar as contribuições dessa instituição para o Município de Itaituba e região amazônica. A escolha do tema foi motivada pela curiosidade de procurar levantar as contribuições culturais do Museu anteriormente citado para Itaituba, uma vez que o este museu oferece um espaço importante para visitação e conhecimento dos aspectos culturais, históricos da cidade de Itaituba e região amazônica. A intenção voltada para temática “museu” com foco no Museu Aracy Paraguassú de Itaituba, surgiu por entender que a preservação dos valores históricos e culturais de uma região torna-se uma necessidade cultural, histórica e educacional, uma vez que a identidade de um povo pode ser compreendida por meio de registros, objetos, fragmentos deixados na história.

Para o desenvolvimento do estudo, foi feito o levantamento da bibliografia referente ao tema, isto é, museus com foco no Museu Aracy Paraguassú de Itaituba-Pará. A abordagem será qualitativa, pois tem a intenção de fazer uma análise envolvendo o contexto histórico da cidade de Itaituba, suas características socioculturais e suas especificidades como participante da região Amazônia, a qual é habitada por indígenas, populações quilombolas e outras culturas significativas que ajudaram na construção da identidade cultural de Itaituba-Pará e região.

Na qualidade de acadêmico do curso de História da FAI e sabedor de que a Disciplina de Museologia faz parte da matriz curricular deste curso, além do que é importante para formação do professor de história, uma vez que há no contexto amazônico uma riqueza cultural e histórica dos diferentes povos que habitaram e habitam a região. Daí, a importância que esse estudo tem para comunidade acadêmica e a própria sociedade, visto que procura contribuir no melhor entendimento sobre os olhares da comunidade local em relação à criação do Museu Aracy Paraguassú.

Faz parte das intenções do curso de História da Faculdade de Itaituba ampliar investigações sobre a história, memória local de Itaituba e região amazônica. Nesse sentido, uma das finalidades da formação do historiador formado pela FAI é possibilitar ao acadêmico um leque de oportunidades para discutir e valorizar a preservação histórica, cultural e educacional dos povos amazônicos. É importante

destacar que Itaituba é um município que tem grupos indígenas como população e, além disso, esse município tem sua própria história local marcada por acontecimentos importantes que necessitam de registros orais ou em documentos a fim de permitir às futuras gerações um olhar sobre seu passado histórico.

Esse estudo é bibliográfico. O levantamento de dados ocorreu por meio de observações e visitas ao espaço do Museu. Também as informações foram levantadas por meio das vivências dos sujeitos que fizeram e fazem parte da instituição analisada, ou seja, esse caminho metodológico é uma opção no campo da história oral.

A História revela que os primeiros habitantes da Amazônia foram os índios, somando a essa população outros povos que exploraram a região. Com a conquista dessa região ocorrida com a chegada dos portugueses no ano de 1.500 constam relatos de cronistas das primeiras viagens feitas por portugueses e espanhóis no curso dos rios Solimões e Amazônia nos séculos XVI e XVII revelando histórias das nações que habitavam a região Amazônica.

As questões norteadoras desse trabalho foram as seguintes:

- 1 - Como surgiu o interesse em criar o Museu Aracy Paraguassú em Itaituba?
- 2 - Qual receptividade a população itaitubense e local passou a ter com a criação de um espaço histórico e cultural como é o do Museu Aracy Paraguassú?
- 3 - Quais informações, e conhecimentos as pessoas do Município têm sobre as atividades desenvolvidas pelo Museu em questão?

O interesse em estudar, pesquisar o Museu Aracy Paraguassú surgiu por compreender que esse espaço necessita de maior valorização e conhecimento da população para que ela compreenda os benefícios culturais que um espaço como esse pode trazer para região, uma vez que ajuda na ampliação da história local.

Todo objeto que nos rodeia possui uma história que acompanha a nossa trajetória de vida e da sociedade em que vivemos. Alguns objetos são tão importantes que são recolhidos e guardados nos museus com a finalidade de representar a sua sociedade, porém, infelizmente algumas pessoas consideram os museus apenas armazenador de coisas velhas. Desta forma, percebemos que a iconografia apresenta algumas propostas de valorização e interpretação do papel dos museus nos dias atuais, principalmente no município de Itaituba, onde os moradores necessitam reconhecer o museu Aracy Paraguassú como centro de divulgação e exposição da história e da cultura da região do Sudoeste paraense.

Desta forma, podemos afirmar que os museus enquanto espaço sociocultural teve ao longo da história um papel bastante relevante para a humanidade, pois compreendemos que todos os objetos que estão presentes nos grandes museus, em especial nos países desenvolvidos são fontes de pesquisas que evidenciam os fatos históricos que ocorreram a milhões de anos no mundo, sobretudo o papel do homem enquanto sujeito da história.

Para tanto, é importante focar a evolução histórica que se deu a partir do surgimento do homem no planeta. Assim, entende-se que os objetos e artefatos que foram doados por grandes colecionadores tem um imensurável valor sociocultural que contribui para entendermos todo o processo de transformação que a sociedade da época sofreu, e analisar esses aspectos nos dias atuais, e a grande repercussão que essas fontes museológicas provocam em diversos museus espalhados pelos continentes.

Nesse sentido, a museológica traz no seu bojo uma ferramenta indispensável para a sociedade com a finalidade de conhecer a grande importância que os museus possuem na sociedade, sobretudo o grande papel de demonstrar o quanto o povo precisa conhecer suas origens e fatos que foram de grande importância na sua comunidade local. Desta forma, é interessante ressaltar que na cidade de Itaituba, o Museu Aracy Paraguassú ganha destaque, pois possui um grande acervo museológico que conta a história local dos povos que vivem nessa região.

A organização Didática desse TCC foi estruturada de seguinte forma. O primeiro capítulo procurou mostrar a história dos museus desde sua origem e mostra principalmente sua grande relevância para sociedade. O segundo capítulo fez uma abordagem do museu e sua nova história na humanidade enfatizando principalmente as fontes históricas positivistas. Já no terceiro capítulo foi discutido todo processo de formação do Museu Aracy Paraguassú, e de seu funcionamento.

2.1 A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XIX

2.1.1 Etimologia da palavra museu

O termo “Museu” surgiu na Grécia, om mouseion, e significava “templo das musas”. Era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado, sobretudo para o saber filosófico e desde a época de Alexandria já era usado para designar o local destinado ao estudo das artes e das ciências. Os museus nasceram com a própria humanidade e sua origem remonta ao hábito do ser humano de colecionar artefatos, inscrições antigas, coleções de antiguidades, os acervos de preciosidades e objetos ligados ao culto cristão como relíquias de santos, manuscritos e aparatos litúrgicos em metais e pedras preciosas como é provado pelos achados em tumbas e mosteiros antigos e reservas arqueológicas. Enfim, o homem por infinitas razões coleciona objetos e lhes atribui valor, seja afetivo, cultural ou simplesmente material.

2.1.2 Abordagem histórica dos museus

Na Idade Média, o sentido de museu era praticamente voltado para a poesia, para a música, a oratória, a história, a tragédia, a comédia, a dança e astronomia; porém quase desapareceu devido a forte predominância do cristianismo e a influência da Igreja Católica sobre os diversos campos do conhecimento nesse período. A igreja, como detentora do poder espiritual e intelectual era responsável pelo acervo museológico de acordo com suas concepções teológicas e com isso o que foi preservado nesse período foram apenas as peças de arte sacra, os objetos de culto, encontrados, em espaços como as catedrais e os mosteiros, e muitas vezes, apenas os líderes religiosos podiam ter acesso a eles. Segundo Suano (1986) a igreja pregava o despojamento pessoal o desprendimento dos bens matérias supérfluos, tornando assim a Igreja uma receptora das doações do povo, o que certamente incluía as relíquias que muitas famílias da época guardavam e que por uma “imposição” doavam à igreja como membros fieis que possivelmente temiam o castigo de Deus.

Na Idade Média, o conhecimento que se tinha de Museu, era quase insignificante, mas o hábito de fazer coleções perpetuava garantindo assim ao futuro, possíveis saberes sobre o passado. No início da Idade Moderna, surgiu o

movimento Renascentista, as pessoas pertencentes à classe burguesa que se encontrava em ascensão, voltaram a colecionar e a custear a produção de arte profana e ornamental. Suano (1986), afirma que: “De maneira geral, são essas grandes coleções principescas e reais do renascimento que vão dar origem à instituição “ museu” que conhecemos hoje. ” No entanto, observa-se que o sentido mais próximo de museu é encontrado somente no segundo milênio antes de Cristo quando na Mesopotâmia inscrições antigas que serviriam para a educação dos jovens eram guardadas e depois de décadas eram expostas a fim de que pudessem servir de exemplo de como a nova geração deveriam preservar os seus costumes.

Desta forma, nesse período algumas coleções se tornaram muito importantes pela sua riqueza e por apresentarem aspectos da história dos reis, nobres e burgueses de toda a Europa, embora, muitas vezes, esses objetos demonstrassem apenas poderio econômico e prestígio social.

Nesse sentido, Pio (2006) diz que “a ideia de que o discurso museológico é produto de uma seleção feita com objetivos políticos e estéticos específicos, permeado por interesses particulares de determinados grupos torna o museu uma arena com acirradas disputas pelo poder. ”

Para o autor a concepção de museu dentro de um contexto de disputa de poder está ligada a questão das classes aristocratas, numa visão de que o museu é um espaço de objetos colecionados por pessoas de diferentes classes sociais providas ou desprovidas de bens materiais, porém com o mesmo objetivo, preservar aquilo que é de seu interesse e o identifica, a sua cultura.

Diante desse contexto, é interessante notar que muitas peças que existiam em diversos museus do mundo até séculos atrás só atendiam pessoas que possuíam poder aquisitivo e que tinham influências políticas com outros colecionadores, tendo em vista que a função do museu enquanto espaço cultural para atendimento ao público como ocorre hoje no século XXI, ainda não funcionava.

Suano (1986), afirma que a nobreza da época passada carregava sentimentos de ciúme da nobreza para com o museu pois para eles era como se tivessem perdendo um espaço que antes era só deles para a classe desbastada que crescia.

No século XVII, o mundo europeu se expandia através das descobertas de novos territórios por meio das grandes navegações, e muitos navegadores passaram a transportar as mais variadas peças que pudessem traduzir quem as

observavas as características específicas dos lugares descobertos. Após terem conseguido um número considerado e diversificado de peças esses colecionadores criaram lugares onde podiam expô-las. Entre essas peças destacam-se fósseis, esqueletos, animais empalhados, minerais, curiosidades, aberrações da natureza, miniaturas, objetos exóticos de países distantes, obras de artes, máquinas e inventos, e toda sorte de objetos raros e maravilhosos. Esses espaços em que reuniam suas coleções eram chamados de Gabinetes de Curiosidades e o acesso a eles eram direcionados apenas a amigos dos colecionadores, cientistas e pesquisadores.

Nesse sentido, esses espaços de colecionadores tinham caráter privado, deixando à parte o acesso ao um público comum. Outras características desses locais é que eles eram movidos por interesses científicos. Diante dessa característica foram instituídas em Londres, Paris e no Brasil novas sociedades de cunho puramente científicos onde reuniram suas próprias coleções e buscavam estabelecer a consolidação da ciência moderna como forma legítima de produção de conhecimento e de intervenção na natureza e na sociedade.



Figura 01: Museu do Louvre Paris. Fonte: Wikipédia.

Foi por meio dessa consolidação da ciência que se promovia, contudo, a “libertação” da Museologia das outras disciplinas como as Artes e, sobretudo a História, das quais ela era apenas um campo auxiliar. A partir de então houve uma relativa autonomização, abrindo caminho para a construção de um campo científico específico dedicado aos museus. Partindo do pressuposto onde se discorreu sobre momentos históricos que rementem o pensamento em relação aos surgimentos dos museus, é correto afirmar que o primeiro museu verdadeiramente público, como se

compreende hoje, foi o Museu do Louvre, aberto após a Revolução Francesa. Esta foi a primeira vez na história que se permitiu acesso livre às antigas coleções da realza francesa para pessoas de todos os estratos sociais. O Museu era então visto como instrumento de educação e esclarecimento do “povo”, agente importante na consolidação do saber como afirma Gonçalves (2002):

O museu, instituição pública, acessível a todos os tipos de público, é um fenômeno recente; no entanto, as suas origens remotam à civilização grega. É a partir da 2ª Guerra Mundial que esta instituição passa a considerar-se ao serviço da comunidade, deixando, progressivamente, a sua tradição elitista e minoritária

Desse modo, os museus por todo o mundo começaram a se constituir como o museu público sendo que este fato deu-se primeiramente na França em 1793 sendo que suas coleções eram acessíveis a todos e tinha como finalidade a recreação e a cultura. A partir do século XIX foi que surgiram os mais importantes museus no mundo que são o museu Mauritshuis na Holanda; o museu do Prado na Espanha; o museu Metropolitano de Arte em Nova York; o museu do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano em Pernambuco e o Museu de Arte de São Paulo ambos no Brasil. Assim, compreende-se que foi neste século que essas instituições museológicas conheceram seu apogeu sendo frequente designar este período como a “era dos museus”, e desta forma inúmeras coleções que dantes eram privadas tornaram-se públicas.

2.1.3 História do Museu no Brasil

No Brasil, a última década assinala uma série de estudos importantes sobre as análises e a constituição dos museus do século XIX, sua relação com as instituições acadêmicas e seu papel na constituição da nação. A maioria desses estudos é desenvolvida principalmente por profissionais que já atuam nas instituições museológicas que estão voltadas para o objetivo de transformar esses espaços culturais como locais de preservação da história da identidade nacional e da produção de conhecimento sobre sua sociedade em seus múltiplos aspectos.

O primeiro grande museu nacional foi fundado no Brasil em 1818, por Dom João VII, tendo como nome Museu Imperial, e possuía fortes influências europeias tanto na sua parte arquitetônica como na histórica. O acervo desde museu é

relacionado ao período monárquico brasileiro. Grande parte da decoração interna foi mantida, o que permite aos visitantes fazer uma viagem no tempo e conhecer os ambientes frequentados pelo imperador da forma como eram. Também estão expostos mobiliários, documentos, obras de arte e objetos pessoais da família real.



Figura 02: Museu D. João Rio de Janeiro. Fonte: Wikipédia.

Entre objetos de maior destaque em exposição no Museu Imperial estão: as coroas de Dom Pedro I e de Dom Pedro II, o último retrato pintado de Dom Pedro I, o famoso quadro Fala do Trono e caneta usada pela princesa Isabel para assinar a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

O Museu Imperial ainda disponibiliza uma biblioteca com cerca de 50 mil volumes e uma coleção de 250 mil volumes de diversos outros documentos importantes para pesquisas científicas. Neste museu também são, desenvolvidos inúmeros projetos que atendem a comunidade em geral por isso, ele até hoje é o museu mais visitado do país, recebendo, aproximadamente, mil pessoas por dia.

No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceções do Museu Naval e o Oceanográfico em (1868) e o Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, outros dois grandes museus brasileiros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866), todos os três foram constituídos como museus de história natural.



Figura 03: Museu Émilio Goeldi na cidade de Belém. Fonte: Wikipédia.

Na região Norte o museu Émilio Goeldi, localizado na cidade de Belém no Estado do Pará é tido como uma grande referência sobre a história regional em seus múltiplos aspectos. Nesse sentido, o museu possui um acervo com objetos e peças de grande relevância. Vale ressaltar que no referido museu encontra-se os fósseis da preguiça gigante encontrado no município de Itaituba localizado na região Oeste do Pará.

Silva (2006) acerca do importante achado em Itaituba diz que:

O fóssil de uma preguiça gigante encontrado em julho (...), no município de Itaituba (PA), juntamente com os restos de outras duas preguiças e um mastodonte, possui 13.340 anos. O material foi datado nos Estados Unidos, e o resultado do exame foi encaminhado na semana passada ao Museu Paraense Emílio Goeldi, instituto de pesquisa vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia e responsável pelo estudo do material.

O museu Emilio Goeldi possui um vasto acervo museológico que serve de fonte de pesquisa para todos os cidadãos brasileiros e em especial ao povo paraense, além de ser visitado por pessoas de todo o mundo. Acredita-se que todas as peças ali catalogadas contam histórias que marcaram as transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas da sociedade paraense sendo por tanto uma ferramenta imprescindível para os professores de História, que devem utilizá-lo como recurso didático em suas aulas, integrando sua prática por meio de visitas técnicas com seus alunos para construção do conhecimento histórico e social, fazendo com que esse indivíduo sintá-se o sujeito de sua própria história local.

Em outras cidades do interior do Estado do Pará existem museus: Óbidos, Santarém Bragança e Itaituba localizada às margens do rio Tapajós, separada da capital Belém por cerca de mil quilômetros. Apesar de ser um museu pequeno, o museu Aracy Paraguaçu que tem apenas sete anos de criação já é considerado uma referência para visitantes, estudiosos e moradores que vão a busca de informações, principalmente no que se refere a própria cidade.

A ideia da criação do museu Aracy Paraguassú surgiu a partir da necessidade de coletar peças e objetos que evidenciavam os fatos históricos que ocorreram neste município, que até aquele momento era apenas conhecido através de iconografia e registros deixados pelo Sr. Cláudio Couto, redator do 1º Jornal O Ortiga, no ano de 1913 que buscava por meio deste veículo de comunicação divulgar a história da grande cidade pepita. Ainda neste mesmo ano, Itaituba participou no Rio de Janeiro da Exposição de Borracha, na qual Cláudio Couto teve o cuidado de registrar um pouco mais da história Itaitubense.

Com incentivos vindos deste mesmo senhor, as senhoras Aracy Paraguassú e Itay Iracema Couto, continuaram colecionando recortes de jornais, fotografias e outros documentos históricos referentes à Itaituba. Somente no ano de 1993, após muita pesquisa e coletas de objetos, criou-se no Centro Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico – CPADC, departamento criado pela Universidade Federal do Pará, duas salas: uma com objetos, livros, fotos, jornais e painéis de Itaituba, a outra com objetos indígenas do povo Munduruku, materiais estes que ficavam expostos para visitação e pesquisa ao público diariamente. Em 1999, na administração do Sr. Edilson Dias Botelho, a Professora Regina Lucirene Macedo de Oliveira foi convocada pelo Sr. Ozemias Cardoso – Secretário de Educação, para discutir sobre a criação do Museu e desta reunião surgiu a composição de uma equipe para concretizar e atualizar as pesquisas para a criação do Museu.

A professora e principal idealizadora do projeto de criação do Museu Aracy Paraguassú Regina Lucirene Macedo enfatizou que a conquista do Museu Aracy Paraguassú é considerado um marco histórico para o município de Itaituba. Sobretudo, ressalta ainda que a maioria das peças do acervo do referido museu foram doações de moradores antigos da região e outros foram achados dentro do próprio município como é o caso dos artefatos indígenas como cerâmicas, machadinhas, urnas funerárias e outros objetos.

Nesse sentido, a referida esteve vários anos na liderança do Museu Aracy Paraguaçu destaca a grande importância que esse espaço cultural tem para a construção e produção do conhecimento da história do município de Itaituba.

Portanto, a mesma ainda hoje se preocupa com a qualidade do acervo do museu e com tudo o que diz a seu respeito afirma que o museu Aracy Paraguaçu para a sociedade itaitubense constitui-se como um espaço educativo e que a maioria dos professores das escolas públicas e particulares deste município procuram realizar visitas e pesquisas com seus alunos com a finalidade de conhecer o acervo museológico, como objetos, documentos, registros fotográficos e artefatos indígenas, que propicia uma melhor compreensão sobre o processo de transformação sociocultural que o município de Itaituba sofreu ao longo dos tempos.

Em 1993, novos passos foram dados para criação do museu. Nesse mesmo ano foi feita uma campanha de doação de objetos e muitas peças foram recebidas pelos idealizadores do projeto, e atualmente o acervo existente é composto por fotos antigas, que foram adquiridas com moradores do município; fotos dos pontos turísticos adquiridos através de projetos elaborados pelos alunos da Escola Maria do Socorro Jacob, sob a orientação da Professora Regina Lucirene Macedo de Oliveira. E muitas doações foram dos próprios indígenas que cederam vários objetos de sua cultura para o museu.

Dickenson apud Santos (2004) ao desenvolver um estudo sobre os museus mineiros identificou que a maior parte deles está empobrecida. São construções muitas vezes em um estado de conservação precário e as exposições “fora de época”, oferecendo pouca informação contextual. Poucos museus fornecem detalhes sobre a natureza, objetivo e origem das suas coleções. As etiquetas são pouco frequentes e limitadas a uma notabada à máquina dando o título e, às vezes, a data e procedência do objeto.

Também Huyssen apud Santos (2004) ao analisar as transformações das últimas décadas, ressalta que, talvez, pela primeira vez na história, o museu, em seu sentido mais amplo, tenha assumido o lugar do filho favorito entre as instituições culturais. O museu como espaço da preservação da cultura das elites e do discurso oficial, teria sido substituído por uma instituição que se abre aos meios de comunicação de massa e ao grande público. O autor oferece-nos um diagnóstico da transformação do papel social do museu sem sociedades contemporâneas e abre um leque de possibilidades e desdobramentos às práticas expositivas.

Ao verificar a trajetória histórica dos museus no Brasil, observa-se que o primeiro grande museu nacional criado no Brasil pode ser compreendido como sendo parte desse contexto. Lopes (1997) assinala que em 1818, D. João VI criou no Brasil o Museu Imperial, um museu de história natural que tinha um grande intercâmbio com os grandes museus de história natural estabelecidos na Europa. Após a República, ele passou a ser denominada do Museu Nacional. Este primeiro museu brasileiro de história natural seguiu os critérios da universalidade do conhecimento, também presentes entre os grandes museus de história natural que se consolidavam na Europa.

Em relação à importância dos museus, o Guia dos Museus no Brasil (2011) procura justificar que os museus têm uma função social, pois guardam memórias de um país. Assim esclarece o referido documento que os museus representam mais do que casas da memória, museus são casas da vida de um país. Espaços que assumem cada vez mais sua função social junto à população, enquanto casas de conhecimento, vivência e transformação. O brasileiro precisa de museus que sejam verdadeiramente seus, capazes de relacionar uma nação consigo própria, cada pessoa com ela mesma, nosso passado e nosso futuro. O Ministério da Cultura tem trabalhado para isso, por meio do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), para que esses espaços sejam, de fato, do Brasil, apropriados por todos os brasileiros.

Não faz muito tempo, museus eram vistos como instituições aristocráticas, distantes do povo, reservados aos “iniciados”. Aos poucos, isso começa a mudar, os museus se fortalecem como espaços mais próximos da população, que não precisam apenas existir para serem públicos, precisam também interagir; não só abrir portas, mas também abrir caminhos (Guia dos Museus no Brasil, 2011:09)

Meneses (1985) faz comentários sobre o significado que o museu tem para uma cidade. Destaca o autor a necessidade da elaboração de projetos que compreendam o museu como um espaço cultural e de sociabilidade. Quando Meneses (1985) faz referência ao museu no espaço de uma cidade diz que o museu é uma instituição historicamente urbana. Assim afirma Meneses (1985:198) “Nos museus da cidade, a sociedade se representa a si mesma como coisa já feita, acabada, pronta, portanto estável e imune a mudanças”. Defende ainda o autor, a ideia de cidade como forma, lugar de forças sociais, como imagem do passado histórico, isto é, como fonte de informações.

A cidade dos antepassados, dos heróis fundadores e outros heróis (e dos vilões), dos donos do poder, de ontem e de hoje? Ou, conforme a fonte de informação, a cidade dos eruditos e dos historiadores, dos poetas oficiais, dos urbanistas, planejadores e tecnocratas? Dos habitantes? Quais? Do homem da rua e daquele que, com suas mãos a constrói, simples instrumento? (Meneses, 1985: 199).

Retomamos as ideias de Santos (2004) que procura consolidar uma análise de práticas, estruturas e processos presentes entre os museus brasileiros, considerando as transformações da sociedade brasileira. Entende a autora que essas reflexões envolvem necessariamente a relação dos museus com o Estado e com o mercado.

No Brasil, há uma forte tendência a se privilegiar nos estudos das questões nacionais as suas especificidades constituintes, sejam elas nacionais, regionais, sejam locais. Há quase uma rejeição obsessiva a estudos que entrelaçam questões nacionais a estruturas e processos mais amplos. Santos (2004:54):

É importante para esse estudo ampliar as referências teóricas sobre a temática em discussão, o que será feito no seu desenvolvimento. FREIRE (2007) comenta que as denominações dos museus são mais amplas e exemplos disso podem-se incluir centros culturais, centros de ciências e até mesmo jardins zoológicos. São instituições que são caracterizadas como espaços de educação não formal, ou seja, esses ambientes diferentemente do que acontece em sala de aula não são “obrigados” a aprender algo e seus conhecimentos não são postos a prova em prática e as pessoas estão sempre livres para fazer suas escolhas, e o tipo de educação que são associadas aos museus é, mas participativa e descentralizada e, em certa medida e selecionada espontaneamente pelo próprio aprendiz, e levado pelo interesse e motivação pessoal.

Segundo esse autor, as experiências dos visitantes são distintas uma das outras, pois cada um absorve e compreende de forma diferente o que está em exposição.

O aprendizado do museu tem um caráter único o que é sempre condicionado a uma experiência individual de cada visitante e de circunstâncias em que ocorreu a visita, na medida em que percepções variam o contexto da visita da pessoa.

Estudos recentes defendem a noção de que o aprendizado é “um processo de mudança conceitual”, em vez de “absorção de um conhecimento transmitido”. Assim sendo, a instituição-museu é o espaço ideal para o desenvolvimento desses processos. Os museus sejam eles de artes,

ciências, tecnologia ou antropologia, são por excelência locais de observação, interação e reflexão. Diversas histórias estão ali prontas para serem narradas: histórias de outras épocas evocando povos e civilizações antigas, com suas maneiras de viver e pensar; e do mundo contemporâneo do qual fazemos parte, com suas novas descobertas, formas de expressão artística, cultural etc. São espaços simbólicos, muitas vezes mágicos e surpreendentes, capazes de oferecer uma experiência ao mesmo tempo educativa e divertida. (FREIRE, 2007: 9)

Julião (2006) ao desenvolver os estudos sobre a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que foi criado em 1937. Representou um refluxo de patrimônio e que disputavam à predominância de ideias do passado as memórias o grupo buscava apenas restaurar os testemunhos do passado e fazer uma releitura a associando a preservação dos patrimônios e a construção de uma nacionalidade.

E para esse grupo de intelectuais o processo de construção nacional ainda não foi concluído, pois a nação constituía um projeto que segundo a autora é emergente e no qual a participava como promessa de acesso do passado e futuro.

Além dos conflitos entre grupos intelectuais de extratos ideológicos distintos, pode-se dizer que a concepção de patrimônio também não era consensual entre os responsáveis pelo projeto do SPHAN. Em 1936, portanto um ano antes da criação oficial do órgão, Mário de Andrade elaborou o anteprojeto da instituição, a pedido do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Com uma proposta “etnográfica generosa”, o documento expressa a pretensão de institucionalizar uma política de patrimônio para o país, incorporando as mais diversificadas manifestações da cultura brasileira. (JULIÃO., 2006: 10).

Observa-se com isso que os museus têm uma representação cultural, histórica para construção das identidades de um país, de um povo. É o lugar do encontro com o passado e o presente, contribuindo para um melhor entendimento da histórica cultural de um povo.

2.1.4 Museu uma representação cultural e histórica

Segundo Pomian (1990). Há sempre aspectos de continuidade e diferença no que tange à constituição de coleções. Krzysztof Pomian observou, em seu estudo sobre a história das coleções, que os responsáveis pela direção e organização dos museus, sejam eles quais forem, selecionam e organizam objetos que são retirados do contexto a que pertencem.

Os objetos, portanto, sempre são possuidores de um conjunto de informações que não estão disponíveis para aqueles que os veem. Além disso, as coleções, ao serem constituídas, atribuem prestígio àqueles que as possuem. Segundo o mesmo autor, os colecionadores Venezianos do século dezesseis já haviam percebido o papel político importante que suas coleções podiam exercer junto àqueles que circulavam pela cidade.

A criação de um mito de origem é fenômeno universal que se verifica não só em regimes políticos, mas também em nações, povos, tribos, cidades. Com frequência disfarçado de historiografia, ou talvez indissolivelmente nela enredado, o mito de origem procura estabelecer uma versão dos fatos, real ou imaginado, que dará sentido e legitimidade à situação vencedora. (Carvalho, 1990, p. 13-14)

Segundo Duncan (1997) pode compreender as coleções europeias que se constituem nos museus europeus a partir do século dezoito como sendo uma tentativa bem sucedida de atribuir permanência a uma determinada coleção de objetos através da universalização de sentido atribuída a cada uma delas. Para Scheiner (2008), a Museologia assume como objeto de estudo a ideia de Museu enquanto representação simbólica desenvolvida em cada sociedade em diferentes conjunturas. Nesse sentido, os museus (instituições). Revelam se como uma das expressões desse fenômeno, cujas múltiplas formas orientam-se pela ideia de Museu presente no universo simbólico dos diferentes grupos sociais e estudada pela Museologia.

A Museologia enquanto disciplina configurou se no decorrer do século XX, assumindo características epistemológicas que escaparam aos modelos da racionalidade científica moderna. Nesse sentido, cabe destacar que a mesma "(...) constitui-se e opera na interseção entre saberes os novos e os já constituídos, fazendo interfaces criativas, entre outras, com a Sociologia, a História, a Geografia Física e Humana, a Filosofia, a Arte e os Estudos Culturais" (SCHEINER, 2009, p.49).

Para (MORAES, 2009) a relação entre museus e Museologia norteou concepções e práticas em diferentes ambientes institucionais. No Brasil, muitos profissionais de museus destacaram-se na história por seu exercício prático e por suas contribuições nos fundamentos da disciplina seja por meio acadêmico ou através de participações em organizações internacionais. Muitas instituições se tornaram referência nacional para a prática museológica e variaram entre ambiente austero e introvertido até um lugar de prazer, aprendizado e troca.

Santos (2006) destacar as contradições de Gustavo Barroso em sua atuação no primeiro museu histórico criado no país: a memória nacional que ele propunha resgatar não se identificava com os ideais modernos e progressistas dos projetos sobre a brasilidade, ao contrário, sua atuação seguiu uma linha militarista e nacionalista, voltada à romantização de uma história Política.

Segundo (SCHEINER, 1993) o decreto de criação do MHN já prenunciava o desenvolvimento de um curso técnico voltado às atividades e aos saberes desenvolvido no espaço museológico. O instrumento legal sugeria uma divisão estrutural articulada às rotinas do museu, através dos quais diferentes setores assumiam a responsabilidade de ministrar conhecimentos relativos às suas práticas na instituição. Mas somente em 1932 o Decreto Lei nº21.129 criou o Curso de Museus caracterizado como o primeiro Curso Técnico em Museologia das Américas. O Decreto lei criava as bases estruturais para o funcionamento do curso que inicialmente contou com matérias organizadas nas seguintes cadeiras: História do Brasil, Numismática e Sigilografia, Arqueologia brasileira Epigrafia, Cronologia e Técnica de museus. Concebido como um curso de elite, ele se voltava para a formação técnica de profissionais destinados a ocupar cargos nos museus nacionais em especial o MHN, mas não habilitava à prática em museus.

Para Scheiner (1993) considerado em Nível Superior, o curso concedeu bolsas de estudo, teve sua estrutura constantemente aprimorada e contou com importantes atividades práticas, desempenhadas no próprio ambiente do museu ou em excursões nas quais os alunos tinham contato com diferentes exemplares patrimoniais por todo o país. Contudo, o Curso de Museus consolidava seu espaço formando profissionais e servidores para atuarem, principalmente, em museus de História e Belas Artes. Assim, a referida formação gerou um desconforto no mercado museológico a respeito da qualificação de museólogos habilitados a atuar em outras tipologias de museus.

Calabre (2007) a autora comenta a carência de ações diretas de grande vulto no setor, ressaltando o desenvolvimento no campo da iniciativa privada como alternativa para a continuidade das produções culturais. Nesse sentido, os museus privados não sofreram com a referida ausência estatais, entre eles o Museu de Arte Moderna de São Paulo e o do Rio de Janeiro que apresentaram as principais inovações estéticas e comportamentais do universo museológico nacional.

Segundo SCHEINER, (1993). A década de 1970 ainda foi marcada pelo Encontro Nacional de Dirigentes de Museus, realizado no ano de 1976 com o objetivo de construir subsídios para uma política museológica brasileira. O período abarca os primeiros estudos no sentido da criação de um Sistema Nacional de Museus, e revela o início de um processo nacional de reivindicação de direitos e garantias básicas à profissão, culminando, posteriormente, com a regulamentação da prática do museólogo.

Cury (2009) afirma que o período da década de 80 foi marcado por resultados significativos para o campo, quando os debates realizados no âmbito do ICOFOM caminharam para uma definição do objeto de estudo da Museologia com bases teóricas fundamentadas nas Ciências Humanas e Sociais. Na esfera governamental, as políticas culturais estiveram alinhadas a um projeto de “revitalização” das instituições museológicas. Estas receberam aporte do Programa Nacional de Museus (PNM), criado em 1982 para superar a situação de abandono e defasagem dos museus brasileiros, além de dar apoio aos mesmos e alinhados às novas diretrizes do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural IBPC (denominado anteriormente como IPHAN). Importa destacar que estas diretrizes, na ocasião, eram conduzidas por Aloísio Magalhães cuja visão sobre a cultura nacional articulava-se à noção de diversidade, de uma identidade plural.

SCHEINER (1993) cita que em 1986 foi criado o Sistema Nacional de Museus subordinado ao SPHAN com o objetivo de construir uma rede de museus do país, reunindo dados e proporcionando a troca de informações entre tais instituições. O Programa Nacional de Museus, por sua vez, tornou-se, naquele mesmo ano, Coordenadoria de Acervos Museológicos e passou a assessorar trabalhos técnicos e a coordenar os recursos destinados às instituições museológicas. A criação dessas novas ferramentas políticas voltadas ao universo dos museus teve como objetivo contribuir para a transformação e o fortalecimento das instituições museológicas.

Segundo MORAES (2009) as instituições culturais sofreram o significativo desamparo governamental até a posse de Itamar Franco, quando foram reconstruídas as agências públicas retomando o papel estatal no setor. O projeto político de Itamar alinhava-se, contudo, a um modelo de gestão que primava pela lógica de mercado. Tal direcionamento acabou potencializado pelo governo subsequente, ao longo dos oito anos do mandato de Fernando Henrique Cardoso.

Nilson Moraes relembra o posicionamento do Ministério da Cultura em 1995, quando o órgão “(...) publicou um documento no qual apresentava a política oficial para o setor e cujo título expressava bem seus propósitos: ‘cultura é um bom negócio’.

Para Davis, (1999) A nova museologia sempre se preocupou com a atribuição de significado e com a pergunta de quem tem o controle desta atribuição. Uma das manifestações da prática da nova museologia é o eco museu. Um exame da amplitude e da natureza dos ecos museus existentes no mundo sugere que a identidade cultural regional (e o orgulho dessa identidade), o sentido de comunidade, a necessidade de regeneração econômica e a potencial perda de “patrimônio” são as principais forças por trás da criação dos ecos museus.

Rolnik (2003) define a arte como processo de singularização. O artista, como a criança, coloca-se no mundo como experimentador. Para a autora, criar uma obra tem relação com encontrar vias de passagem para os devires que nos atravessam, gerando aí também a possibilidade de criações e passagens sucessivas. A criação (de si, de um mundo) é uma tomada de posição em relação a um presente em que operam (como no museu) diversas máquinas de ressonância. O capitalismo avançado, entendido não só como dinâmica econômica, mas como modo de subjetivação, tem atualmente, nos objetos resultantes desses processos, um alvo privilegiado para a expansão de seu princípio norteador (o capital).

2.2 O MUSEU NO CONTEXTO DA NOVA HISTÓRIA

A história tradicional positivista utiliza como fontes de estudos os documentos oficiais e não oficiais escritos (leis, livros); também valoriza os sítios arqueológicos, edificações e os objetos de coleções de museus como moedas e selos. Os sujeitos da história tradicional são as grandes personalidades políticas, religiosas e militares, reis, líderes religiosos, generais, grandes empresários, são atores individuais, heróis que geralmente aparecem como construtores da história. Assim, a história tradicional estuda os grandes acontecimentos diplomáticos, políticos e religiosos do passado. Privilegia o estudo dos fatos passados que são apresentados numa sequência de tempo linear e progressiva. Em síntese, nessa perspectiva, a história dos povos como ela realmente aconteceu e os fatos, deveriam ser tratados de forma objetiva e com base em documentos. Trata-se, basicamente, de uma história política e factual que será extremamente marcante no ensino e nos materiais didáticos.

A partir do século XX, os intelectuais franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, da chamada Escola dos Annales, estabeleceram um diálogo crítico e de oposição a essa concepção, abandonando algumas posições, incorporando outras e, fundamentalmente, transformando a forma de pesquisar e estudar a história. Desde então, as diversas gerações que os sucederam passaram a defender uma história de toda a sociedade.

Contudo, a Nova História passa a ser científica, crítica e analítica, tornando proporções imensuráveis onde o novo fazer história passa a valorizar a história dos homens, levando em consideração a história do povo para dentro da História (BLOCH 2001: p.63)

Nesse novo contexto, a Escola dos Annales trazia consigo propostas de mudanças em relação ao tempo histórico deixando de considerar apenas o fazer história em uma sequência linear de fatos e acontecimentos. Assim, foram incorporadas diversas fontes históricas que perpassam por aspectos de âmbito social, econômico, cultural e político o que fez com que a História estreitasse suas relações com as demais áreas do conhecimento, mais especialmente com as Ciências Sociais.

Portanto, é relevante ressaltar que as funções de um museu perpassam também pelos mesmos aspectos incorporados hoje pela Nova História, ambos

caminhando para o conhecimento amplo do cidadão. Logo, percebe-se que os museus desempenharam uma função pedagógica, científica, social, cultural e política.

Diante dessa perspectiva historiográfica disseminada pela Escola dos Annales que rompeu os limites europeus e com a reestruturação metodológica da História, o trabalho do professor de História passa a ter uma influência social bastante significativa na construção do conhecimento historiográfico.

Ao concebermos história como o estudo da experiência humana no passado e no presente buscou compreender as diversas maneiras como os homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, através do tempo e espaço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação; um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens.

O estudo da história é fundamental para perceber o movimento e a diversidade, possibilitando comparações entre grupos e sociedades nos diversos tempos e espaços. Por isso, a história ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e também do mundo em que gostaríamos de viver.

É por meio dos diversos registros das ações humanas, dos documentos, dos monumentos, dos depoimentos de pessoas, de fotografias, objetos, vestuários que o real vivido por homens e mulheres nos diversos tempos e espaços chega até nós. Thompson (2003),p.17)

Portanto, todos os registros e as evidências das ações humanas são fontes de estudo da história. A história como experiência humana torna-se objeto de investigação do historiador que a transforma em conhecimento. No Brasil, o ensino de história também ganhou uma nova configuração onde busca neste tempo de rápidas mudanças e incertezas formar e socializar a classe estudantil desse país.

Nesse novo mapa cultural e político situa-se o território da chamada crise da educação, de valores, vivências de forma aguda e complexa pela sociedade brasileira contemporânea. Explorar esse território, contestá-lo e transformá-lo implica enfrentar uma temática óbvia para nós historiadores: a relação orgânica entre educação, cultura, memória e ensino de História. Fonseca, (2003):p 48)

Com esse novo olhar, a educação brasileira passou a pensar na reestruturação do currículo, implementando novas práticas e ações que contemple a

educação básica, em especial o Ensino de História sobre questões relevantes que envolvam debates sobre a cultura, a memória e a experiência humana dentro de um contexto sociocultural. Desse modo, para buscar caminhos mais seguros em relação ao fazer da educação brasileira é que se colocou em forma de diretrizes como o Ensino de História deve ser transmitido aos alunos, diretrizes essas que são contempladas no Art. 26 da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB, onde garante que:

Parágrafo 4º - O ensino de História no Brasil levará em conta a contribuição das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e europeia.

Nesse sentido os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais tentam contemplar o que deve ser trabalhado da cultura e da memória nacional em sala de aula e como adequar esses conteúdos a nossa realidade não deixando de considerar as diferentes realidades socioculturais do Brasil, como se pode observar neste disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais como comenta Fonseca, (2003):

O texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental de história, lançando, oficialmente, pelo Ministério da Educação em 1997, tenta dar uma resposta sobre o que da nossa cultura, da nossa memória é mais adequado transmitir às novas gerações que frequentam as escolas nas diferentes realidades socioculturais do Brasil. A diretriz apontada reforça a preocupação com a inclusão da diversidade cultural no currículo do Ensino de História. Fonseca, (2003):p.12)

Nessa perspectiva, Fonseca (2003), discorre que: a escola é dotada de uma dinâmica própria, saberes, hábitos, valores, modos de pensar, estratégias de dominação e resistência, o que constitui a “cultura escolar”. Assim, vale lembrar as novas abordagens historiográficas que valorizam novas fontes no fazer historiográfico dão margem para que as instituições de ensino possam ter autonomia acerca do uso de novas metodologias e fontes historiográficas para apoiar a aplicação desta ciência.

Com esse pensamento, usar os acervos museológicos com fontes historiográficas e novas linguagens no processo de ensino e aprendizagem do ensino de História possibilita ao educando a constituição da identidade, da cidadania, do conhecimento e reconhecimento do outro, do respeito a pluralidade

cultural e da defesa de fortalecimento da democracia, como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para tanto, é imprescindível afirmar que os objetos museológicos que fazem parte do acervo sociocultural do museu Aracy Paraguassú são de suma importância para serem utilizados pelos professores de História para trabalhar em sala de aula e por meio também de uma visita técnica.

É oportuno afirmar que o museu Aracy Paraguassú é uma referência na região do Oeste do Pará, são fontes históricas consideradas ferramentas indispensáveis para compreendermos todo o processo político, religioso, social e econômico desse incomensurável município de Itaituba.

A historiografia do município de Itaituba é bastante significativa para a nova geração que vive nessa região, pois sua riqueza maior foi marcada pela grande exploração de ouro que atraiu pessoas de diversas regiões do Brasil para a região do Tapajós. Desta forma, é interessante ressaltar que a chegada de migrantes contribuiu significativamente para a formação sociocultural do referido município.

Dentro dessa realidade, vale ressaltar que o município de Itaituba no que concerne o contexto cultural, ganha importância pela sua área geográfica, pois ele é considerado também um rico sítio arqueológico que abrange uma das maiores etnias indígenas, os Munduruku que contribuem de forma significativa na cultural local dessa região com peças artesanais presente no museu Aracy Paraguassú. Portanto, a Nova História traz no seu bojo um papel fundamental no contexto de estudar e procurar compreender a história contada de baixo para cima, levando em consideração a participação da camada popular local que são considerados os principais protagonistas que contribuíram para surgimento e a formação deste município. Para tanto, as fontes históricas museológicas como documentos, peças e artefatos e a memória desse povo, são elementos essenciais para serem trabalhados no Ensino de História dentro de uma visão inovadora.

Com isso, o museu de Itaituba Aracy Paraguassú assume um papel indispensável como fonte de conhecimento histórico na região do Tapajós, fomentando a preservação da memória e a valorização sociocultural dessa exuberante cidade de Itaituba.

2.2.1 Museus e seus objetos: História e Memória

No que tange a questão do museu como espaço cultural voltado para a preservação da memória por meio de suas diversificadas coleções, documentos e objetos históricos, é oportuno afirmar que o museu incorpora um papel indispensável no ambiente educativo, já que pode proporcionar experiências inovadoras e significantes tanto ao educando como ao indivíduo de modo geral, ou seja, o museu pode ser descrito como um espaço de produção do conhecimento. Segundo a ideia de Pereira (2009), o museu também não é o único local de salvaguarda da memória, mas, é um importante local de preservação da memória.

O museu é, portanto um “espaço que promove sonhos”, que encanta e que produzem narrativas. Narrativas essas intencionais, pois, há também nos museus disputas pelo poder através da memória ou da recriação de memórias, como nos salienta Chagas (1987), ao dizer que o museu não é um lugar comum, mas são locais que causam impacto, encantam, comovem, deixam marcas nas pessoas que o tem como uma referência.

Sabendo, portanto, que o museu não é um mero espaço, mas um lugar onde se pode tanto aprender como também ensinar é que muitos educadores, principalmente os da área de história, o tem tomado por base para a transmissão de suas aulas, querendo desta forma as tornar mais atrativa e dinâmica.

A partir do momento que os alunos deixam o ambiente escolar e vão a busca de um aprendizado prático, eles certamente obterão melhores efeitos e o educador terá uma realização pessoal já que poderá ver os diferentes resultados e lições que alunos tirarão daquela significativa aula. Portanto, ressalta-se que a educação não se processa apenas em espaços formais de ensino-aprendizagem e; os objetos contidos nos museus serão bem mais utilizados já que o aluno poderá ter um contato mais direto com eles que poderá possibilitar inúmeras leituras e narrativas.

Com isso, é cada vez mais frequente encontrarmos crianças e jovens em museus, acompanhados de professores, percorrendo as salas onde estão expostos variados objetos em vitrinas com iluminação atrativa. Uma atividade educativa dessa natureza é sempre bem-vinda, mas para quem dela participa sempre fica a indagação sobre o que efetivamente se aprende nessas visitas, que demandam preparação e envolvimento dos docentes e da comunidade escolar.

2.2.2 As Transformações ocorridas no interior das instituições museológicas

O museu não pode ser visto como um depósito de coisas velhas, em desuso, somente para guardar lembranças de um passado que não existem mais. A instituição museu abriga um patrimônio cultural da humanidade, com objetivo não só de preservação do acervo que guarda, mas para utilizar este acervo como meio de transformação da realidade social através do testemunho que cada documento poderá oferecer a nível individual ou no seu conjunto.

Ressaltando-se que, cada documento como suporte de informação, pode ser empregado para ensinar algo a alguém de maneira que este possa reconhecer no passado os mais variados elementos de uma realidade histórica; desenvolvendo a capacidade de observação, comparação, formulação de problemas e hipóteses com um envolvimento multidisciplinar facilitando a compreensão do espaço em que vive relacionando com o todo.

Conforme Tamanini (1989) “as informações trazidas nos livros didáticos não são completas, ignorando as contribuições dos vários campos de pesquisa da História, como a arqueologia”. Apesar de alguns professores terem interesse em aproximar os museus da vida escolar, precisam encontrar meios mais atrativos, além das visitas normais, para chamar atenção dos estudantes e incentivá-los a continuar as visitas mesmo depois do término do período letivo. O museu é como um caminho aberto, em oposição ao espaço “fechado” da escola.

É relevante ressaltar que a educação escolar deve empregar o museu como recurso didático para ensinar, explorando todos os objetos museológicos, ou seja, toda a produção histórico-cultural como artefatos, poesia, desenho, música, pintura, escultura, teatro, cinema, vídeo, fotografia, artesanato, objetos do cotidiano, arquitetura, etc. e suas expressões nos diferentes segmentos sociais.

Toda a imensidão de obras existentes no museu possui um caráter histórico que deve ser estudado. O educador pode juntamente com seus alunos organizar exposições em seu próprio ambiente educacional das peças catalogadas no museu. Com o consentimento do procurador do museu algumas peças podem ser cedidas à escola para que haja uma exibição que pode ser feita também através de seminários ou em dias festivos na escola.

Outra maneira adequada para utilização desse material museológico é fazer uma amostra de fotografias, onde comprovadamente os alunos poderão certificar-se

notoriamente a exatidão de tudo que se é falado na teoria. Da mesma forma o professor pode fazer uso de outros artefatos para dinamizar suas aulas. Mesas, vasos de cerâmica, vidro ou metal, roupas, tapetes, cadeiras, automóveis ou locomotivas, armas e moedas podem ser transformados de simples objetos da vida cotidiana, que apenas despertam interesse pelo “viver de antigamente”, em documentos ou em material didático que servirão como fonte de análise, de interpretação e de crítica por parte dos alunos.

As visitas aos museus merecem atenção, para que possam constituir uma situação conforme Pereira, (2009): p 53.

A visita educativa é nesse caso prática de pensar historicamente, compreendendo não só o passado como dinâmico, em sua interface com outras temporalidades (presente e futuro), mas presente como cenário conflitante, inquietante. O visitante é incitado a inquietar-se, estranhar, investigar, propor, decompor, debater, há neste museu, o convite à desconfiança das narrativas unívocas e das versões consagradas tidas como únicas formas de pensar a história.

Para a autora, o museu interfere sistematicamente na forma de pensar do homem, a partir do momento em que se faz parte deste mundo museológico ele é incitado a agir e a pensar distintamente, ou seja, surge dentro de si um ser humano investigador, que procura não só pensar a história como também evidenciar os problemas sob a circunstância de resolvê-los com verdades fundamentadas.

Para Nassarala:

O museu pode ensinar um pouco de tudo: de História, de Física, de Biologia, Matemática, Geografia, etc.” Basta que os educadores, principalmente os historiadores, pensem no museu além da fonte de pesquisa, acrescentando-o como método de ensino, sendo por isso necessária à instrução prévia nesta área. (NASSARALA, 2003: 112)

Os museus precisam caracterizar o processo de transposição didática museográfica, no interior dessas instituições de ensino na sua dimensão de educação e comunicação, precisam afirmar os espaços destes enquanto locais onde se estabelecem relações pedagógicas próprias.

Assim veremos a relação museu e escola em um contexto mais amplo, tornando assim, um processo de democratização entre ambas, para uma maior participação das escolas nos museus.

2.2.3 A Proposta da Nova História: O Museu como Ferramenta Educacional

A partir do século XIX os museus passaram a ter uma nova conotação voltada para a ação educativa e a democratização cultural que busca alcançar todos os públicos, deixando de lado o enfoque tradicional elitista de minoritário. Nesses termos, na primeira metade do século XX o fazer historiográfico também passa por grandes transformações metodológicas incorporando novas linguagens como fontes de pesquisa, deixando assim de tornar relevante para a história apenas às simples narrativas, cronológicas, periódicas, factual, elitista e decorativa, camuflando a realidade dos acontecimentos históricos. Dentre essas novas linguagens incorporadas no novo fazer historiográfico destaca-se entre outros os acervos museológicos, conforme relembra Bloch (2001: p.16).

Ao analisarmos as trajetórias do museu e da Museologia, observamos que elas têm seguido seu caminho paralelo ao da História se preocupava apenas com o factual, com um único recorte da sociedade, o museu e a Museologia enveredavam nesta mesma moldura. A representação da sociedade que fazia (residualmente) era relacionada aos grandes feitos da classe dominante, presentes nas coleções museológicas.

Para o autor o museu ganha uma nova configuração, são considerados a partir de várias transformações no cenário educacional, espaços educativos que abarcam as dimensões da coleta, da pesquisa, da guarda, da conservação, da comunicação de saberes e fazeres. Organizam as marcas e os testemunhos passados que se deseja preservar, mantendo diferentes temporalidades e uma constante relação com o momento e os desejos do presente.

Contudo, acredita-se que uma das tarefas dos educadores é proporcionar aos alunos acesso aos bens culturais. Nesse sentido, é de fundamental importância que o professor organize projetos de visita dos alunos aos diversos museus e espaços culturais da cidade. Compreender que museus são espaços de memória que podem estar em todos os lugares aguça nosso olhar no momento de planejar as atividades de visita a esses locais.

Nesse sentido, o trabalho em sala de aula deve envolver a reflexão constante por parte dos professores. A busca de material adequado aos objetivos educacionais é atividade rotineira na escola. Apesar de contarmos, no Brasil, com políticas voltadas à distribuição de livros didáticos e à constituição de acervos educacionais, o

docente tem de selecionar constantemente material adequado à aula que deseja ministrar.

Contudo, no que diz respeito à educação museológica, muitos professores brasileiros certamente conhecem e reconhecem a importância de trabalhar com temáticas que envolvem as culturas local, nacional e mundial.

Para escolher espaços culturais compatíveis, complementares aos conteúdos trabalhados no currículo escolar, é muito importante que o professor visite antes os locais e observe as coleções e os objetos que serão vistos pelos alunos. Algumas instituições oferecem palestras e oficinas de orientações e formações para professores sobre temas ligados aos acervos museológicos. Bittencourt (2004 p,86)

Desta forma, compreende-se que é muito importante que se realize uma pesquisa prévia sobre conteúdos a serem explorados com os alunos e as potencialidades da exposição ou dos acervos, o que contribui para enriquecer e facilitar o trabalho de análise das culturas material e imaterial e de problematização e reflexão sobre o que foi observado.

Para tanto, a partir dessas premissas, podemos sintetizar alguns procedimentos recomendáveis antes, durante e depois da visita realizada ao museu pelos alunos:

Primeiro é preciso escolher o museu ou espaço cultural adequado aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Também se acredita que seja necessário visitar o museu previamente para reconhecer o acervo e a lógica da exposição, examinando os catálogos e buscando conhecer o trabalho de monitoria disponibilizado, se houver. Pode-se também elaborar os objetivos que se pretende atingir com a atividade da visita, em harmonia com os objetivos do trabalho de monitoria da instituição.

Um passo importante que pode ser realizado é conversar com os alunos, orientando-os sobre os principais procedimentos da observação, da problematização e do registro no momento da visita. É importante também despertar nos alunos a expectativa por uma atividade lúdica, prazerosa – primeiro passo para formação de um hábito que se deseja para a vida inteira.

E, finalmente é preciso disponibilizar informações e conceitos necessários para que os alunos sejam capazes de estabelecer conexões entre suas novas descobertas e seu conhecimento prévio. Portanto, após a visita, faz-se necessário

realizar atividades de sistematização da aprendizagem da visita, como roda de conversa, debate, elaboração de mural de texto, etc. Essa finalização oferecerá ao professor rico material para avaliar se os objetivos propostos foram atingidos e também para definir os próximos passos.

Desta forma, é indispensável negar que o museu enquanto espaço cultural e educativo por meio de seus objetos e artefatos é considerado uma ferramenta de suma importância para os professores que trabalham com o Ensino de História sabendo que toda essa riqueza que se tem de informações e conhecimentos histórico proporcionado pelo museu contribuirá para uma aprendizagem significativa e de qualidade.

Enfim, no município de Itaituba a realidade não é diferente. O Museu Aracy Paraguaçu é um espaço de fundamental importância para oferecer aos professores materiais adequados que diz respeito ao contexto histórico do nosso município e a realidade sociocultural do nosso aluno. Nesse sentido com toda essa gama de informações que existe no referido museu, o professor garantirá uma aprendizagem significativa ao educando voltada para o seu contexto local.

O museu tem grande papel no espaço educativo escolar onde os alunos vão até ele para poder aprender em praticar e observar alguns objetos no qual antes só viam através de livros didáticos, nesse espaço museológico a uma vasta fonte de conhecimentos tornando assim o museu uma fonte de aprendizado não formal.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipos de Pesquisa

A pesquisa desse trabalho é do ramo qualitativa na qual se utilizou de fontes bibliográficas de vários autores, a pesquisa em si exige que haja coletas de dados e de tempo para coletar as informações, para que a pesquisa possa ter um respaldo convincente para as afirmações e hipótese. A abordagem será qualitativa, pois tem a intenção de fazer uma análise envolvendo o contexto histórico da cidade de Itaituba, suas características socioculturais e suas especificidades como participante da região Amazônia, a qual é habitada por indígenas, populações quilombolas e outras culturas significativas que ajudaram na construção da identidade cultural de Itaituba-Pará e região.

Chizzotti (2013) afirma que a pesquisa significa investigar sistematicamente uma situação problemática em uma dada comunidade ou em uma organização, propondo-se aos membros de um grupo participarem, ativamente, com pesquisadores treinados, da definição do problema a ser investigado.

Chizzotti (2013) diz que a pesquisa é um processo para alcançar uma situação uma outra situação, e, ainda que pressuponha momentos distintos entre si, a singularidade de cada momento é parte de um todo, do qual todos são coautores participantes do processo de produção do conhecimento a ser incorporado na ação.

A participação efetiva dos envolvidos na pesquisa não se limita à delegação de tarefas parcelas de um mero conhecimento operante e instrumental, dada por uma elite profissional, aos membros de uma população. Ainda que tenham níveis de formação diferenciados, todos são detentores do conhecimento produzido e controladores do processo da pesquisa.

Na pesquisa onde o conhecimento é um instrumento onde significa poder e controle, e a pesquisa é um processo oportuno de formação, todo processo de pesquisa é concebido como aprendizado educativo e as atividades consideradas como ocasião de ampliação do conhecimento e realidade.

Chizzotti (2013) cita que o processo democrático de elaboração do conhecimento devolve a eles tanto a autoria do que se descobriu quanto pertence aos participantes a criação do novo conhecimento do qual devem ser, também, os primeiros beneficiários.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

Itaituba é um município brasileiro do estado do Pará, pertencente à Mesorregião do Sudoeste Paraense. “Localiza-se no norte brasileiro, a uma latitude 04°16’34” sul e a uma longitude 55°59’01” oeste.

A história do Museu Aracy Paraguaçu teve início no ano de 1999 com a formação de uma equipe, cuja maioria era de professores do próprio município que visavam tornar realidade o sonho de criar um espaço cultural que retratasse a história da cidade e demais localidades desta extensa região. Entre os principais idealizadores do Museu Aracy Paraguaçu estão: Antonieta Assunção Nascimento Lima, Ana Maria Nonata Nascimento Cabral, Ayelb Socorro Silva Ramos, Gercicley da Conceição Miranda Correa, Maria Gorette Lima da Silva, Waldelores da Costa, Elina Renilde Ribeiro, Maria Jose Teles, Maria do Socorro Lira, Claudete Marize Couto Lima, Sebastião Teodomiro da Costa Filho, Sandra Regina Batista Azevedo e Nazaré Nancy e a maior incentivadora que foi Regina Lucirene de Oliveira Macedo que sempre esteve a frente desta luta criando projetos escolares voltados para a questão cultural e incentivando seus parceiros a prosseguirem no intento da criação do museu.



Figura 04: Frente do Museu Aracy Paraguaçu. Fonte: Joilke 2017

Para tanto, no período em que Itaituba completava 143 anos foi realizada uma grande programação com exposição de painéis sobre a cultura da cidade e região,

gincanas estudantis e danças folclóricas, o que alavancou a esperança das pessoas já citadas para uma pretensa data para a fundação do museu, no entanto tiveram suas expectativas frustradas mais uma vez.

Em 2002, após elaborarem um projeto denominado de “Museu Municipal” o diretor de cultura Sebastião Teodomiro da Costa Filho, cria no salão nobre do espaço municipal, uma sala denominada de “Museu Aracy Paraguaçu” em homenagem a sua mãe falecida no ano de 2001. Aracy significa Aracy- Mãe da Luz -Ara: Luz – cy: Mãe, Paraguaçu: Mar Grande – Oceano, mas foi somente em 18 de outubro de 2006 que foi criado o Museu Municipal pela lei de nº 1819|2006

3.2.1 Museu Aracy paraguassú: História, desafios e perspectivas

Para Silva (2006) o museu é o nosso vetor sociocultural. O referido autor quis demonstrar a grande significância que o museu assume e o papel imprescindível que tem para a sociedade de modo geral, pois o acervo documental existente nestes locais serve como fontes de pesquisas já que contribuem de forma significativa para sua transformação. Desta forma percebe-se que com o Museu Aracy Paraguaçu não é diferente, pois o mesmo consegue fazer com que a história local seja vista com um outro olhar tornando assim o seu valor incomensurável.



Figura 05: Setor Indígena do Museu. Fonte: Joilke 2017

A missão do museu Aracy Paraguaçu é registrar, preservar e expor a história da cidade de Itaituba com a finalidade de promover e valorizar sua entidade cultural.

De acordo com o depoimento de Regina Lucirene Macedo, a mesma enfatiza que cada peça do museu Aracy Paraguaçu conta a história do povo tapajônico, mas concorda que ainda há muito a ser desvendado.

É importante ressaltar que desde a sua fundação este órgão público vem contribuindo como importante ferramenta para área educacional, visto que, professores de diferentes disciplinas e alunos de variados níveis escolares usufruem deste patrimônio Itaitubense.

O município de Itaituba apresenta um grande déficit cultural em relação aos produtos simbólicos que constituem sua história social, política e econômica. Criado para ser um ponto de referência cultural, o Museu Aracy Paraguaçu infelizmente ainda apresenta enormes dificuldades técnicas e operacionais para desempenhar o seu papel como um suporte de pesquisa cultural e estudantil. É evidente, que ele ajuda no que se refere à pesquisa, contudo todo o material ali existente ainda não é o suficiente a ponto de ser para alguém o único meio da pesquisa.

Após vencer vários obstáculos deu-se então a inauguração desta instituição patrimonial que é o museu Aracy Paraguaçu ocorrendo no dia 17 de novembro de 2006, na gestão municipal do prefeito Roselito Soares e tendo na época como coordenadora professora Regina Lucirene de Oliveira Macedo, influência principal para essa importante realização.



Figura 06: Peças doadas pela Aracy Paraguaçu. Fonte: Joilke 2017.

O Museu Municipal Aracy Paraguaçu, é uma instituição vinculada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do Ministério da Cultura

(MinC), Instituto de Artes do Pará (IAP), Museu Emilio Goeldi, Fundação Curro Velho e a Fundação Tancredo Neves. O seu acervo arquivístico é de caráter histórico-institucional e abrange documentação referente às atividades do Museu Aracy Paraguaçu (MAP) desde sua criação em 1993 com base em suportes teóricos que data a fundação do município em 1856. Já o acervo bibliográfico compreende 427 tipos de referências, como livros, revistas, jornais e monografias correspondentes a temas como patrimônio cultural, arqueologia, museologia, educação indígena, história e história do município de Itaituba. Ressalta-se que este acervo compreende também, urnas funerárias em cerâmica, artefatos e acessórios indígenas da tribo Munduruku.

Esta instituição pública também conta com acervos de objetos pertencentes à senhora Aracy Paraguaçu como: Jogo de porcelana, jornais, livros, pestiqueira, louças e álbuns de fotografia que foram comprados pelo prefeito Roselito Soares no valor de R\$ 3.000.

Atualmente, o prédio onde está localizado o museu Aracy Paraguaçu encontra-se em precárias condições para acondicionar o seu acervo, e já a algum tempo vem dando sinais de que precisa de uma reforma. De acordo com Regina Lucirene, “o ambiente não é climatizado; a iluminação é ineficiente; apresenta umidade em sua estrutura; não possui armários e estantes adequadas para expor e dar visibilidade aos seus produtos, além disso, apesar de vivermos na era das Tecnologias de Informação e Comunicação, o museu ainda não possui um sistema de catálogo digital do seu acervo cultural. Com todos estes empecilhos, verifica-se que o Museu Aracy Paraguaçu ainda está longe de alcançar um patamar de excelência, pois se acredita que ele precisa ser valorizado por todos os idealizadores, visitantes e principalmente pelo poder público que deve investir melhorando as condições deste patrimônio.

3.2.2 Funcionamento Do Museu

Desde a sua fundação, o Museu Aracy Paraguaçu, vem desenvolvendo atividades voltadas a educação do ensino fundamental e médio, além de subsidiar aos graduandos fontes de pesquisa voltada ao desenvolvimento da educação do município e desenvolve atividades proporcionais a área educacional. Com um ano de funcionamento o museu em parceria com o IPHAN desenvolveu a I Semana do

Museu com a participação das escolas públicas, universidades e associações desenvolvendo várias atividades educacionais e artísticas dentre elas a primeira exposição nas praças para demonstrar a cultura através de banner, objetos e vídeos contando a história do município e a importância da preservação do patrimônio histórico cultural.

Logo com dois anos e quatro meses de funcionamento o Museu passou a desenvolver ações visando o cumprimento da missão institucional do Museu e, conseqüentemente sua expansão, divulgação e da atuação junto do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) passaram a ser realizados cursos e palestras destinadas à comunidade a profissionais de várias áreas do conhecimento. Em parceria com instituições da área de cultura, o Instituto de Arte do Pará, Museu Emilio Goeldi, Fundação Curro Velhos artistas e comerciantes de Itaituba foram realizados também vários eventos e exposições do Museu. Em parceria com universitários, professores e funcionários públicos, foram realizadas oficinas pelo Plano Museológico: Implantação, Gestão e Organização dos Museus, rendendo ao Museu a catalogação das peças existentes para que o seu público tivesse a oportunidade de conhecê-lo principalmente as escolas deste município.

Atualmente, o Museu Aracy Paraguaçu passa por um momento de desenvolvimento com a expectativa de mudanças para o próprio prédio assim que seja revitalizado, o que vai proporcionar a comunidade a conhecer e participar de todo o processo, principalmente pelos programas educativos e culturais geradores de emprego e renda para as famílias atingidas pelas mazelas sociais.

Os acervos do MAP são peças que tratam da história de Itaituba e são compostos de 2.116 iconografias, diversos documentos, 16 cadernos de catalogação de diversos jornais da região que retrata os acontecimentos do município, 56 livros que retratam a história de Itaituba, 192 livros indígenas de diversas etnias do Amazonas, 99 peças indígenas exclusivamente dos Munduruku, 09 quadros de artistas plásticos e 66 peças arqueológicas entre urnas e machadinhas e objetos de famílias tradicionais como: Televisão, Radio, Espingarda, Serrotes, Baús, Vitrola, Ferro a lenha e outros que foram doados da Senhora Aracy Paraguaçu que são jornais, livros, petisqueira, louças em porcelanas e álbuns de fotografias para exposição do referido museu.

Todas as peças catalogadas para o Museu são significativas para a história do município de Itaituba: o jogo de café em porcelana possui um valor histórico

importante para a sociedade local, pois com ele foi servido café aos Presidentes da República que visitaram o Município: Juscelino Kubitschek de Oliveira - Jk, General Emilio Garrastazu Médici e General Ernesto Geisel. O Álbum de fotografias que foi confeccionado pelo Sr. Cláudio Couto, tem fotos do município desde 1906 e de seus familiares. O álbum tem uma característica própria do autor que desenhava e pintava com tintas originais produzidas com árvores silvestres como murici e urucu.

O jogo de taças que a Senhora Aracy recebeu de presente no dia do seu casamento da primeira Dama do Município Sra. Francisca Maria da Conceição esposa do fundador de Itaituba Joaquim Caetano Correa, considerada uma figura de fundamental importância no acervo deste museu. Neste acervo também são encontradas as cartas que a Senhora Aracy recebia de seu esposo quando ainda namoravam, são cartas amorosas, que estavam guardadas e mantidas em sigilo total.



Figura 07: Peças de porcelanas. Fonte: Joilke 2017

Os móveis do Museu, entre eles os armários são da época da Intendência, são confeccionado em madeira de leite toda decorada em estilo colonial. O telefone existente no Museu é do ano de 1910 de modelo castiçal foi de propriedade do Sr. Tibiriçá Santa Brígida da Cunha o primeiro a ser instalado no município de Itaituba, na década de 70, período da Ditadura Militar no Brasil.

No que diz respeito às peças coloniais existentes no museu podemos citar um forno de farinha em chapa de aço, bola de canhão usada no período de guerra, panelas de ferro, machado, garrafa de barro, fósseis de animais e outros artefatos indígenas. Todos esses objetos foram encontrados no leito do Rio Tapajós em uma

ilha chamada Itapacú entre o município de Itaituba e a Vila de São Luiz do Tapajós pelo Sr. Raimundo Alves de Melo, morador da vila.

A data de fabricação das peças ainda é uma incógnita o que dificulta o processo de análise das mesmas. Na tentativa de tentar explicá-la trabalhamos com duas hipóteses: a do Sr. Adrião Ferreira Caldas, brasileiro, casado e morador da ilha Itapacú (“O Rio Tapajós” escrito em 1913, por Raimundo Pereira Brasil) durante o verão do mesmo ano desenvolvia a indústria pastoril, contendo duas (2) estradas, com 140 pés de seringueiras. A outra hipótese faz referência a época da Cabanagem, pois se acredita que a Ilha serviu de refúgio para os soldados acamparem e defenderem seu território.

Nesse sentido, é interessante mencionar que o museu também conta com alguns documentos que retrata os acontecimentos históricos que marcaram a história do Pará por meio dessa revolta popular chamada Cabanagem e que com certeza traz um considerado um documento de fundamental importância para o Museu Aracy Paraguaçu.

No Museu são encontrados artefatos indígenas Munduruku em cerâmica, tecelagem de redes, cestaria, plumária, arco e flexa, lanças e colares. A cerâmica confeccionada por esta tribo indígena é caracterizada pela leveza e forma das peças, além de ser executado exclusivamente por mulheres.

Desta forma, é bom ressaltar que os Munduruku são especialistas em confeccionar artesanatos e que suas lendas, crenças e mitos são utilizados como temas nas obras feitas na cerâmica. Contudo, acredita-se que os próprios indígenas, por exemplo, confeccionavam para seu próprio uso armas, cestas, potes de cerâmicas, adereços para o corpo e instrumentos musicais, que agora são expostos no museu. Assim, é oportuno destacar que essa arte praticada pelos indígenas e o uso desses objetos sempre foi de fundamental importância para o seu cotidiano conforme explana Amorim ao dizer:

A tribo Tapajó que habitava as margens do rio homônimo desenvolveu uma das mais avançadas técnicas de arte oleira da Pré-História Amazônica: a cerâmica arqueológica de Santarém, o maior legado cultural deixado pelos primitivos habitantes da Região de Santarém. (AMORIM, 2013).p 96)

Neste contexto, é interessante notar que esta cerâmica da tribo Tapajó tinha uma finalidade de demonstrar sua cultura, como seus cultos a deuses, festividade de colheita, rituais e acima de tudo servia para guardar mantimentos.

Contudo, no que diz respeito à cerâmica do grupo étnico Munduruku e outros artefatos que estão em exposição no Museu Aracy Paraguaçu vale destacar que a originalidade da cerâmica encontra ao longo do tempo na região do Tapajós onde habitam essa etnia, em especial é importante ressaltar que a região de Santarenzinho às margens do Rio Tapajós é considerado um sítio arqueológico com fragmentos de cerâmicas que comprovam o quanto o povo Munduruku foi indispensável dentro do processo sociocultural do município de Itaituba.

Dentro dessa perspectiva, é oportuno dizer que a cerâmica Munduruku tem um caráter original, possuindo assim, uma beleza exuberante que expressa o encanto da fauna e flora presente na floresta Amazônica. Desta forma, pode-se dizer que a cerâmica encontrada no Museu Aracy Paraguaçu tem atraído um grande número de pessoas de outras regiões que visitam o museu de Itaituba e acabam se encantando pela cerâmica e outros artefatos Munduruku.

É interessante mencionar que, além desse acervo riquíssimo referente a cerâmica Munduruku que configura também o contexto sociocultural do município de Itaituba. Vale ressaltar também que existe uma grande diversidade de artefatos indígenas da cultura mundurucu em exposição no referido museu como o caso da plumária: os artigos são confeccionados com penas de aves de determinadas espécies como: papagaio, garça, tucano e gavião. A plumagem do papagaio apesar da variedade de gêneros e espécies é predominante verde.

A garça particularmente é a espécie que ostenta penas brancas, sendo muito utilizada pela alvura de sua plumagem; são utilizadas espécies de plumagem de coloração azul-cinza e azul-negro. O tucano, de acordo com a espécie, varia e sua cor da plumagem no peito e na cauda, amarelo, branco e vermelho, porém, a plumagem preta predomina no dorso.

A arte plumária realizada a partir da realidade para a confecção de colares-adornos indígenas para serem usados na cabeça, arcos, flexas, lanças, bordunas e tacapes. Este instrumental indígena é utilizado em cerimônias, em caça e pesca, e algumas vezes na luta contra o inimigo.

Já a cestaria utiliza fibras de várias espécies. A cesta tem formato e característica própria aliada a um traçado original. Algumas delas representam desenhos de animais. Os colares caracterizam-se pelo exotismo; leveza e originalidade e representam os animais da Amazônia como: tracajá, peixe e outros. As matérias-primas utilizadas são: caroços de tucumã, mucajá, e sementes. O

tucumã é o fruto de uma palmeira nativa, tem formato ovóide, cor amarelo-avermelhados e é recoberto por um material de espécie lenhosa. O mucajá também é uma palmeira que dá frutos de formas arredondadas de cor verde-amarelada. Dos caroços do tucumã confeccionam-se colares representando animais de nossa fauna; intercalados com sementes secas de plantas silvestres. Além de espinhaços de cobra e de peixe, assim como dentes de macacos e de outros animais.

As peças indígenas Munduruku que se encontram no MAP são: colares, pulseiras, cestos, arco e flecha, cuias, arpão, cerâmicas e outras que foram fabricadas pelos indígenas para o museu e ainda as que foram encontradas no rio Jamaxim, considerado como um dos maiores sítios arqueológicos da região.

O acervo arqueológico é composto de 66 peças entre urnas, machadinhas, panelas e outras, encontradas no sítio arqueológico localizado no bairro Boa Esperança, onde fica localizado o Museu Aracy Paraguaçu como também em torno do município. Essas peças encontram-se no museu, mas antes de suas doações eram comercializadas ou doadas a estrangeiros. Com a criação do Museu Aracy Paraguaçu e a persistência da Professora Regina Lucirene em está demonstrando a importância da preservação do acervo; hoje há uma conscientização maior por parte da população, sabedora do grande valor histórico das peças para o município, e desta maneira procuram constantemente o museu para fazerem suas doações espontaneamente, garantindo assim, a preservação e a utilização das mesmas aos pesquisadores e a comunidade Itaitubense.

O Município de Itaituba possui vários sítios arqueológicos situados: na Maloquinha, Iaranjal, Km 03, bairro Boa Esperança, Parque Nacional da Amazônia onde são encontradas muitas peças históricas, mas devido as grandes erosões e para evitar que sejam extraviadas são trazidas para o museu para sua conservação.

No ano de 2001 foi registrado em Itaituba, uma das mais importantes descobertas arqueológicas do Pará. Ao serem encontrados os fósseis da EREMATHERIUM, conhecida popularmente por preguiça gigante, que viveu há mais de três milhões de anos atrás. Os fósseis foram encontrados há cinco quilômetros da cidade em um sítio localizado há 500 metros da Rodovia Transamazônica.

Na época da descoberta da preguiça gigante o museu ainda era um sonho e em virtude disso, os fósseis foram encaminhados ao Museu Emilio Goeldi através da paleontóloga Heloisa Soares, para que os mesmos fossem estudados e preservados, com a proposta de que seriam devolvidos, assim que ele se tornasse

uma realidade e tivesse sua reserva técnica. Com a criação do Museu Aracy Paraguassú até hoje os responsáveis pelo Museu estão lutando para que esse achado volte ao hábit natural.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados encontrados após a pesquisa observa-se que vários autores têm opiniões distintas sobre o tema abordado, entretanto para um melhor aprofundamento das observações de dados, serão destacados alguns pontos de vista do que o museu para o autor, levando em consideração a importância do museu para a sociedade.

A partir disso foram selecionadas algumas variáveis no quais em trechos citados se identificou algumas diferenças significativas de opiniões sobre o assunto abordado e dos diferentes pontos de vista constata-se que.

Na pesquisa realizada, foi analisada a inter-relação dos pontos de vistas dos autores e Pio (2006) diz que “a ideia de que o discurso museológico é produto de uma seleção feita com objetivos políticos e estéticos específicos, permeado por interesses particulares de determinados grupos torna o museu uma arena com acirradas disputas pelo poder.” Já o Gonçalves (2002): afirma que O Museu era então visto como instrumento de educação e esclarecimento do “povo”, agente importante na consolidação do saber. Para um autor o museu é visto apenas como objeto de interesse particular de algumas pessoas já para o outro o museu é visto como um instrumento para educação de um povo.

Para o autor Santos (2004) ao desenvolver um estudo sobre os museus mineiros identificou que a maior parte deles está empobrecida. São construções muitas vezes em um estado de conservação precário e as exposições “fora de época”, oferecendo pouca informação contextual. Poucos museus fornecem detalhes sobre a natureza, objetivo e origem das suas coleções. As etiquetas são pouco frequentes e limitadas a uma notabattida à máquina dando o título e, às vezes, a data e procedência do objeto. Mas em outro ponto de vista se destaca a importância do museu o Guia dos Museus no Brasil (2011) procura justificar que os museus têm uma função social, pois guardam memórias de um país. Para um autor os museus atualmente estão em estado precário e as exposições estão fora de época onde na qual oferece poucas informações para o público em geral já o segundo destaca que o museu é de suma importância, pois é onde é guardada as memórias de um país.

Observando outros pontos de vista de autores nota-se que: para o autor Pomian (1990). Há sempre aspectos de continuidade e diferença no que tange à constituição de coleções. Observou, em seu estudo sobre a história das coleções,

que os responsáveis pela direção e organização dos museus, sejam eles quais forem, selecionam e organizam objetos que são retirados do contexto a que pertencem. Porém Para (MORAES, 2009) a relação entre museus e Museologia norteou concepções e práticas em diferentes ambientes institucionais. No Brasil, muitos profissionais de museus destacaram-se na história por seu exercício prático e por suas contribuições nos fundamentos da disciplina seja por meio acadêmico ou através de participações em organizações internacionais. Para o primeiro autor ele destaca a importância de pessoas na organização dos museus nas quais elas organizam as peças de acordo com seu valor histórico, mas para o segundo autor destaca a importância da museologia nos ambientes institucionais.

Com outros pontos de vistas de autores sobre os museus a autora Rolnik (2003) define a arte como processo de singularização. O artista, como a criança, coloca-se no mundo como experimentador. Para a autora, criar uma obra tem relação com encontrar vias de passagem para os deveres que nos atravessam, gerando aí também a possibilidade de criações e passagens sucessivas. A criação (de si, de um mundo) é uma tomada de posição em relação a um presente em que operam (como no museu) diversas máquinas de ressonância. O capitalismo avançado, entendido não só como dinâmica econômica, mas como modo de subjetivação, tem atualmente, nos objetos resultantes desses processos, um alvo privilegiado para a expansão de seu princípio norteador (o capital).

Já Para Davis, (1999) A nova museologia sempre se preocupou com a atribuição de significado e com a pergunta de quem tem o controle desta atribuição. Uma das manifestações da prática da nova museologia é o eco museu. Um exame da amplitude e da natureza dos ecos museus existentes no mundo sugere que a identidade cultural regional (e o orgulho dessa identidade), o sentido de comunidade, a necessidade de regeneração econômica e a potencial perda de “patrimônio” são as principais forças por trás da criação dos ecos museus. Para o primeiro autor ela destaca a importância da cultura que a passada de geração em geração e o museu nos proporcionar isso já segundo o outro autor ele cita que: o museu é uma identidade cultural da humanidade.

O autor Fonseca (2003) em sua pesquisa ele fala que “usar os acervos museológicos com fontes historiográficas e novas linguagens no processo de ensino e aprendizagem do ensino de História possibilita ao educando a constituição da identidade, da cidadania, do conhecimento e reconhecimento do outro, do respeito a

pluralidade cultural e da defesa de fortalecimento da democracia. já para Pereira (2009), o museu também não é o único local de salvaguarda da memória, mas, é um importante local de preservação da memória.o primeiro autor fala da importância usar os acervos para o ensino da historia já o segundo autor cita que o museu não e o único local de preservação da memória.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa realizada foi bibliográfica tendo como finalidade mostrar os objetos museológicos do Museu Aracy Paraguaçu e seu relevante papel na construção da história do município de Itaituba dentro da região Oeste do estado do Pará.

Para tanto, observa-se que os objetos, documentos, fontes históricas e artefatos que fazem parte do acervo do Museu Aracy Paraguassú são considerados para os professores de História recursos didáticos indispensáveis para serem utilizados em sala de aula de forma que propicie aos alunos um conhecimento maior e mais adequado da história local de Itaituba.

Dentro desse contexto, é relevante destacar o quanto o acervo do Museu Aracy Paraguassú é rico e diversificado e, portanto importante para realização de um trabalho educativo. É imprescindível destacar que, faz parte do cenário museológico de Itaituba móvel, material histórico, objetos antigos, material fotográfico, material arqueológico, louças e principalmente peças de cerâmica da cultura Mundurucu, as quais enfatizam consideravelmente desse povo no município de Itaituba.

Vale ressaltar que cada peça do museu tem o seu valor e que podem ser utilizadas para abordar diferentes períodos da história de Itaituba, da região Amazônica e até Brasil, e assim podem ser trabalhadas pelos professores de História com propriedade de caso.

Assim, portanto, ao utilizar o acervo de material arqueológico, o professor poderá em suas aulas explicar o contexto histórico dos achados como, por exemplo, as machadinhas que foram encontradas em uma comunidade chamada Santarenzinho próxima do município de Itaituba considerada um sítio arqueológico, comprovando assim a existência, de uma população indígena que habitou nessa localidade há anos atrás. Desta forma, por meio dos objetos, o professor irá facilitar uma melhor compreensão sobre o modo de vida das comunidades indígenas que habitaram a região antes da chegada dos colonizadores portugueses.

Outra fonte histórica que é considerada de suma importância para o trabalho educativo em sala de aula são fotografias que retratam aspectos importantes da sociedade itaitubense tradicionais nas décadas de 70 a 80 e que configura a participação maciça de migrantes que vieram de outras regiões do Brasil em busca

do tão precioso ouro. Portanto, as fotografias tem um papel relevante para compreendermos o tempo e o espaço dos fatos que ocorrem no município de Itaituba.

No que concerne o período aurífero, o Museu Aracy Paraguassú dispõe de utensílios que eram usados na atividade garimpeira de forma rudimentar tais como: bateias, picaretas, baterias e o próprio registro fotográfico que visualiza frotas de aviões e pousando e decolando nas pistas de garimpos e no próprio aeroporto de Itaituba.

Dentro dessa proposta, fica evidente que ao utilizar esse tipo de recurso museológico em sala de aula ou até mesmo por meio de uma visita técnica o professor deverá buscar conhecer o material que está em exposição no referido museu e, depois fazer uma abordagem sobre o ciclo do ouro que ocorreu no município e as transformações socioeconômicas, o processo migratório e a formação sociocultural que é bastante diversificada dentro do referido município.

Portanto, do ponto de vista pedagógico por meio desta abordagem, esperamos ter deixado evidente à importância do Museu Aracy Paraguassú como espaço educativo destinado a realizar tanto a pesquisa sistemática sobre o assunto que ele expõe como possibilidade de promover à construção do conhecimento, à pesquisa, e à preservação da memória dos personagens considerados sujeitos da história local que contribuem de forma muito significativa para escrever a história deste município.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Brasília. Guia dos Museus no Brasil. Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo, Hucitec, 1997.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museus brasileiros e política nacional**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 19, No. 55, Ano 2005, Disponível em [http://www.scielo.br/rbcs](#), acesso dia 14/06/2016.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História dos Museus. Disponível no site: [http://www.leticiajuliao.com.br](#), acesso dia 14/06/2016.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O museu na cidade x a cidade no museu: Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História, v. 5 No. 8/9 p. 197-205, set 1984 a abril de 1985**, São Paulo.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo e Mello. Por que visitar museus. In. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) O saber Histórico na sala de aula. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

AMORIM, Antonia Terezinha dos Santos. Santarém Suas Histórias e Suas Belezas – 1ª ed. Belém: Samauma Editorial. 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CHAGAS, M.S. Museu: coisa velha, coisa antiga. Rio de Janeiro: UNI-Rio, 1987.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2002.

LDB, Lei de Diretrizes e Base da Educação 93.94/96. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

NASSARALA, N. L. R. Apresentação. In: FONSECA, A. C. B. da; RONQUE, M. A. Museu: ação educativa e cultural. Bauru, SP: [s.n.], 2003.

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro. Educadores em zonas de fronteira - Limiares da relação museu-escola. In: NASCIMENTO, Silvania Souza, FERRETI, Carla Santiago. (Org.) Cd room Museu e Escola. 1 ed. Belo Horizonte: Puc Minas/UFMG, 2009.

PIO, Leopoldo,Guilherme.Musealização e cultura contemporânea. In:Musas:Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, IPHAN, 2006.

RAMOS, Francisco R.L. A danação do objeto, O museu no ensino de História. Editora Argos, Chapecó, 2004.

SILVA, Marcos A. Além das coisas e do imediato: cultura material, história imediata e ensino de história. In:Revista Tempo. Niterói: UFF, 2006.

SOARES, André Luis Ramos (Org.). Educação patrimonial: relatos e experiências. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo. Brasiliense, 1986

MORAES, Nilson. A Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. Revista Museologia e Patrimônio, v. 2, p. 54 69, 2009

SCHEINER, Tereza C.Sociedade, Cultura, Patrimônio e Museus num país chamado Brasil. Apontamentos Memória e Cultura Revistado Mestrado em Administração de Centros Culturais, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 14-34, 1993.O Museu como processo. In:CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS.Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2008.p.35-47.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos.A escrita do passado nos Museus históricos. Rio de Janeiro: Garamond/Minc,Iphan, Demu, 2006